

A Silvia que eu conheci

Narrativa Homenagem ABRAPSO

Apresentação geral

É com muita alegria que hoje nos reunimos para fazer essa homenagem à professora Silvia Lane, através do pré-lançamento do Memorial Silvia Lane. O memorial é um projeto que está sendo desenvolvido pelo Instituto Silvia Lane de compromisso social. Nós do instituto entendemos que a obra de Silvia é fundamental para psicologia brasileira e latino-americana, e para tantas outras áreas com as quais ela dialogou. Tendo isso em vista, pretendemos contribuir com o registro e difusão desse conteúdo que segue como uma referência essencial para nossa produção de conhecimento e práticas profissionais. O memorial será uma plataforma online de livre acesso que, em diversas sessões (textos, imagens, vídeos, biografia e homenagens) reunirá conteúdos referentes à vida e obra de Silvia Lane.

E, para começar, entendemos que ninguém poderia se dizer “especialista” em Silvia, de forma completa; para tentar contemplar suas tantas facetas, precisávamos da ajuda de pessoas que pudessem nos contar quem foi a Silvia que elas conheceram. A voz dessas pessoas é fundamental, pois cada uma a conheceu e foi por ela afetado de uma forma diferente. Nosso objetivo era construir um mosaico que, com suas partes variadas e coloridas, contasse um pouco sobre Silvia Lane. Assim nasceu a sessão “A Silvia que conheci” que conta com relatos de pessoas que compartilharam conosco sobre a Silvia que conheceram e as memórias que guardam sobre ela.

Homenagem – “A Silvia que conheci”

A Silvia que conheci era generosa, sábia, simples e companheira; incentivava, com seriedade e dedicação, nos disse Adriana Eiko. A Silvia que conheci era inteligente, batalhadora das boas causas, incansável como pesquisadora e extremamente generosa, com uma ética a toda prova, nos lembrou Alfredo Naffah. Com a Silvia que conheci tive um encontro intenso, em que me senti amplamente entendida, acolhida e orientada, nos contou Silvia Friendman.

Muitas dessas palavras, carregadas de afeto, saudade e força, apareceram nos relatos que recebemos sobre a Silvia que tantas pessoas conheceram.

Silvia Lane construiu seu compromisso com a psicologia e com a sociedade desde cedo: estudante inquieta, interessada em ver seu país de dentro e de fora, aproximou-se de temas

relacionados à linguagem, à ética e a estética; doutorou-se buscando compreender os significados das palavras para os diferentes grupos. Para isso, conversou com pessoas de diferentes culturas, além de dialogar com as obras Skinner, Kurt Lewin, entre tantos outros autores. Como docente, antes da PUC e a partir dela, mergulhou no estudo crítico das representações sociais, da análise do discurso, dos processos grupais e comunidades, e no estudo das emoções; dialogou muito com as obras de Marx, Leontiev e Vigotski, além das discussões com Martín-Baró e outros importantes pensadores da América Latina. Todas essas referências foram importantes para que Silvia desenvolvesse sua proposta e percebesse que só faria sentido construir uma Psicologia Social que falasse da realidade brasileira e a partir dela. E foi isso que ela fez.

Denise de Camargo nos lembra que Silvia foi *uma mulher a frente de seu tempo, na forma como enxergava as dimensões da realidade e cotidianos dos povos*, o que foi fundante e permanente no desenvolvimento da psicologia que acreditava: *comprometida com as desigualdades, com as problemáticas sociais e éticas*, como bem coloca Dorian Arpini.

A práxis é, na vida e obra de Silvia, notória: se materializou em projeto político e científico, militante, nas relações estabelecidas, na formação de tantos profissionais. Sua proposta, como nos contou Marcos Ferreira, *não perdia de vista a necessária análise da conjuntura histórica, política e social da realidade brasileira para compreender o desenvolvimento de seu povo*; análise essa fundamental para a construção de um pensamento crítico e profundo que guiasse a ação profissional e política. Para tanto defendeu que toda a psicologia é política e toda ação social é uma ação política, com a clareza e firmeza no posicionamento de que nenhuma teoria, ciência ou prática profissional é neutra.

Todos esses relatos nos reavivam a pessoa, professora e orientadora que Silvia era e, como Denise de Camargo descreve com tamanho afeto: *Silvia era alguém que respeitava a trajetória, interesses, motivos e caminhos singulares de seus alunos, apostando que é no exercício da participação, do protagonismo e da autoria que se constituem pessoas autônomas – valor importante para a edificação de relações democráticas, responsáveis e respeitadas*. Uma companheira que, com sua presença notável ao mesmo tempo em que pautada na importância da liberdade, *promovia autonomia a seus orientando e alunos*, como nos conta Dorian Arpini.

Afinal, como lutar pelas relações democráticas sem construí-las cotidianamente? Esses pilares são notórios na construção da obra de Silvia Lane e das relações que estabelecia.

Para além da realidade brasileira e, ao mesmo tempo junto a ela, Silvia se atentou à América Latina em um momento cujas leituras vindas principalmente da Europa e América do Norte eram dominantes na academia. Os diálogos, congressos, eventos que realizou e participou, bem como a participação na construção de entidades que pautaram importantes debates para os campos da ciência e profissão foram espaços de problematização e ação. Não à toa vimos tantos de seus alunos irem contribuir, desenvolver e assumir representações nas entidades da psicologia brasileira e latinoamericana: a construção coletiva e engajada é necessária para a transformação da realidade. Silvia sabia disso e participava dessa luta.

Essas noções foram fundamentais para a sua defesa de que toda psicologia é social e, ao mesmo tempo não existe apenas uma psicologia social: existem psicologias nas diversas realidades, nos tantos contextos sociais produzidos ao longo da história. Silvia Lane afirmava o desafio que era desenvolver um pensamento dialético: *“não se pode deixar de pensar dialeticamente um minuto”*, disse ela certa vez. Só assim conseguiríamos nos aproximar de compreender que a vida, a história e psicologia estão em constante movimento.

Silvia enfrentou o golpe de 64 como cidadã e como pesquisadora em psicologia. Assim como Martin-Baró, procurou encontrar formas de resistência democrática dentro dos fazeres da Psicologia, como no caso do trabalho em colaboração com o Padre Abib Andery, dos diagnósticos multi-familiares nos Postos de Saúde. Como professora, contribuiu com importantes processos no campo da educação que até hoje se mostram relevantes.

Assim, mais do que relações, podemos dizer que verdadeiros laços foram criados nesse processo de um pensar coletivo, afetivo e implicado, seja na academia, nas entidades, e nos outros espaços pelos quais Silvia circulou. Ana Bock lembra que a *abertura ao diálogo e a ênfase na importância da convivência da diversidade* eram características da sua forma de coordenar e acolher as pessoas na formação, acreditando que *era convivência dessa diversidade que nós poderíamos avançar*.

Sueli Teresinha destaca o caráter *contagioso de Silvia, sempre muito alegre e ativa, em que dava para perceber que não importava onde o evento acontecia, ela se sentia em casa. Era seu espaço*. Espaços esses que generosamente e sem arrogância compartilhou com tantas outras pessoas. Brígido Camargo também nos lembra como Silvia *apoiava as tantas motivações de seus alunos*, o que lhes permitiu alçar voos teóricos, críticos, inquietantes, que tornaram-se alicerces nas carreiras que vieram a construir. Marcos Ferreira também lembra de Silvia *incentivando o uso da criatividade e a ousadia, como se estivesse dizendo “isso que vocês estão imaginando ou inventando é Psicologia!”*.

A modéstia de Silvia também foi lembrada nos outros relatos que recebemos. Ana Bock conta que quando alunas, alunos e orientandos foram comunicar a ela que abririam um instituto em sua homenagem, ela logo disse: *“por que o meu nome? Escolham uma pessoa mais importante na Psicologia social!”*. Mas isso não seria possível: ela era nossa principal referência. Silvia então modestamente aceitou nossa homenagem de nomeação do instituto, inaugurado após seu falecimento, infelizmente.

Assim, após receber esses especiais relatos que compartilham um pouco sobre Silvia, conseguimos começar a formar esse mosaico diverso, mas que não está estático, e sim em movimento. Movimento esse que se expressa em sua obra, em seu olhar profundo e histórico, na forma como seus aprendizados e maneira de ser reverberaram naqueles que com ela conviveram.

Hoje, frente aos inúmeros retrocessos políticos que nos encontramos, lembrar de Silvia, de seu jeito, seus ensinamentos, e de sua obra não só nos inspira, mas nos fortalece e fortalece também nosso compromisso com a realidade brasileira e com uma psicologia que tenha a transformação social como horizonte e como construção coletiva permanente.